



Redução da Cota Americana afeta as indústrias de Alagoas e impõe novos desafios ao açúcar brasileiro

A decisão do governo dos Estados Unidos de reduzir a Cota Americana de açúcar de 155 mil para 100 mil toneladas cria um novo desafio para o setor sucroenergético brasileiro. Para Alagoas, que tradicionalmente responde por aproximadamente metade desse volume, a medida representa uma redução de cerca de um terço do açúcar que normalmente seria exportado para o mercado norte-americano dentro do regime preferencial.

Na avaliação do presidente do Sindicato da Indústria do Açúcar e do Etanol no Estado de Alagoas (Sindaçúcar-AL), Pedro Robério Nogueira, o principal impacto não está na retirada da sobretaxa adicional de 12,5%, mas na diminuição da própria cota destinada ao Brasil.

"A redução da cota é o aspecto mais preocupante dessa decisão. É ela que diminui nossa presença no mercado americano e reduz a receita das indústrias", destaca.

Historicamente, a Cota Americana representa um mercado estratégico para o açúcar brasileiro. Além de garantir acesso ao mercado dos Estados Unidos, ela proporciona preços superiores aos praticados no mercado internacional, contribuindo de forma significativa para a receita das empresas exportadoras.

Segundo estimativas do setor, a redução de 55 mil toneladas representa perdas próximas de US\$ 93 milhões para os estados do Norte e Nordeste. Como Alagoas participa com cerca de metade da cota brasileira, o impacto para a economia estadual é significativo.

Ao mesmo tempo, permanece a tarifa adicional de 25% sobre as 100 mil toneladas que continuarão sendo exportadas.

"O efeito da taxação de 50% foi atenuado pela decisão da Suprema Corte americana, que levou à adoção da tarifa de 10%. Essa atual de 25% terá um efeito mais danoso", observa Pedro Robério.

Mesmo com a nova tarifa, o setor continuará exportando açúcar para os Estados Unidos.

"Vamos exportar mesmo com a tarifa para não perder a cota", resume o presidente do Sindaçúcar-AL.

Segundo ele, exportar açúcar para os Estados Unidos fora da Cota Americana continua sendo economicamente inviável.



"Não existe possibilidade de exportação de açúcar para os EUA fora da cota preferencial. A tarifa normal já alcança 101% e agora será acrescida de mais 25%. Fica inviável."

Pedro Robério ressalta que direcionar esse volume para outros mercados também não elimina o problema.

"A opção de direcionar essa cota ao mercado mundial é restrita, porque já ocupamos os outros mercados. Mesmo realocando esse açúcar, teremos perda de receita, pois o preço pago pelos Estados Unidos é muito superior ao do mercado internacional."

Além da perda estimada de US\$ 93 milhões provocada pela redução da cota, o setor calcula que a tarifa de 25% represente um custo adicional próximo de US\$ 100 milhões sobre o volume que continuará sendo exportado.

Para o presidente do Sindaçúcar-AL, o cenário reforça a importância de manter o diálogo entre Brasil e Estados Unidos em busca de condições comerciais mais equilibradas. "As decisões tomadas no comércio internacional têm reflexos diretos sobre investimentos, geração de empregos, fornecedores de cana e sobre toda a cadeia produtiva do açúcar e do etanol. Preservar a competitividade do açúcar brasileiro no mercado americano continua sendo uma prioridade para o setor."

ACOMPANHAMENTO DA PRODUÇÃO

COMPARATIVO DE SAFRAS - 2024/25 X 2025/26

Safra	Posição Acum. em	Cana Moída (t)	Açúcar total (m³)	Alcool total (t)	Recuperação Industrial (Kg ART, Ton Cana)
2024/25	30/ABR/25	17.495.056	1.612.744	405.617	139,10
2025/26	30/ABR/26	17.793.767	1.418.250	483.250	133,14
Variação	%	1,71%	-12,06%	19,15%	-4,28%

Var. % = safra 25/26 sobre 24/25

CONSECANA-AL

Preço da Cana-de-Açúcar

Mês: Julho - 2026

SAFRA: 2025/2026

PREÇO MÉDIO - R\$/Kg ATR		
	Bruto	Líquido
Média Mês	1.2925	1.2731
Média Acumulada	1.1989	1.1809

O preço da tonelada de cana depende da quantidade de ATR obtida. ATR = Açúcar Total Recuperável